Ano XII ••• Nº 354 ••• Uberaba/MG ••• Novembro de 2009

Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

História de Vida
Dona Nina e seu Zezé mostram na vida real um romance com final feliz

05

Rock de calcinha
Pitty conta, com exclusividade, como as dificuldades contribuíram para seu sucesso

13

Stand-up Comedy
O humor de todo dia em cena na cidade

14

Ritual de fé atrai multidão

O médium Maurício Magalhães realiza cirurgias espirituais. Ele diz que já atendeu mais de quatro milhões de pessoas

Foto: Fernanda Borges

issuu-downloader.com

Que calor, né?

Isabella Lima
4º período de Jornalismo

Depois de andar pra cima e pra baixo o dia inteiro, enfrentar filas em dois bancos, correr para o terceiro e não poder entrar - já que passa das 15h, passar na pastelaria lotada só porque lá o pastel é cinquenta centavos mais barato que na concorrência, ir às Casas Bahia pagar a décima quinta prestação do carnê e isso tudo com muito sol e muito calor, eis que finalmente é hora de ir pra casa.

Mas como sou uma pessoa com muita consciência ecológica, vou para casa de ônibus, claro. Porque não uso desculpas esfarrapadas para justificar a minha falta de dinheiro e os carros são muito poluentes e individualistas.

No ponto de ônibus, espero alguns muitos minutos até que surge um banco vazio. Sento equilibrando no colo as sacolas que carrego e a bolsa. Cansada. Muito cansada. Torço para que o ônibus não demore. O calor é tanto que quase consigo ver a evaporação da água que molha a grama. Tudo que eu mais quero é chegar em casa.

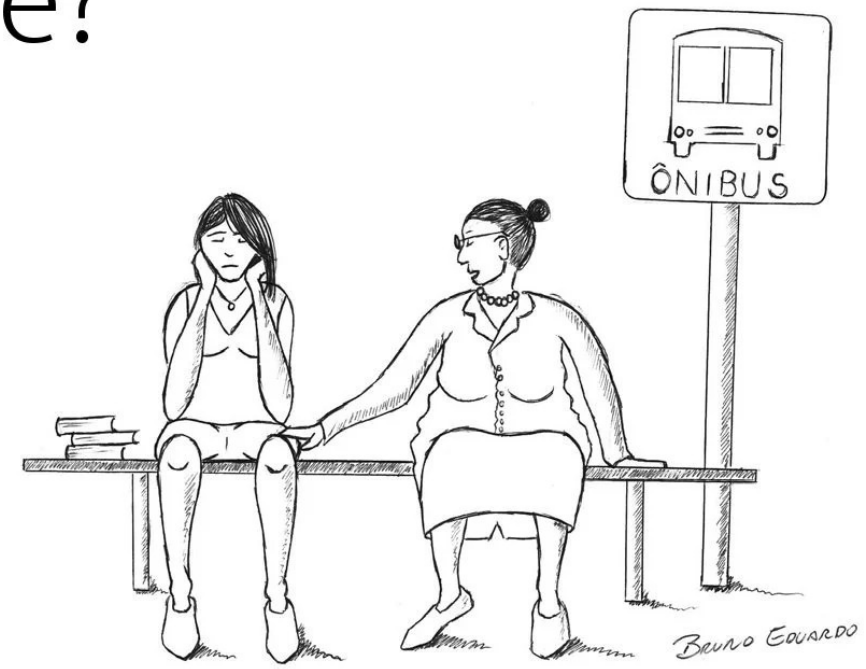
De repente tenho a impressão de ouvir alguém falando comigo. Torço para que seja apenas uma miragem, e ignoro. Mas a voz continua. Olho pro lado e vejo uma senhora de cabelos brancos, rosto enrugado e muita disposição verbal.

Pronto. Não devia ter virado pra ela. Agora que a olhei, ela vai pensar que sou simpática e que estou disposta a conversar. Continuo calada. Ela me olha e eu, já sem graça, dou um sorriso amarelo. Era o sinal que a senhora esperava.

"Que calor, né, menina?!", é o máximo que a criatividade dela consegue. Dou outro sorrisinho, seguido de um "é mesmo, tá quente."

Ao pé da letra, conversa fiada seria um papo para um pós-pagamento. Entretanto, no vocabulário popular, conversa fiada é a famosa conversa jogada fora. Por que uma pessoa usa com outra alguma coisa que vai ser jogada fora? Durma com este barulho.

Já me acostumava novamente com o silêncio, quando a senhora com incontinência verbal reiniciou a prosa. Ela reclamou do atraso dos ônibus. Disse que o motivo era o prefeito, que tinha feito um acordo com a companhia de ônibus em troca de nove fazendas no Mato Grosso. E que por isso a viação não se preocupava em andar no horário. E desandou a se queixar da política nacional.



Minha vontade era de chorar, implorando pra que ela parasse de falar. Eu me segurei, não chorei nem gritei. Ao contrário, disse à senhorinha que sim, a política é muito bagunçada e suja, mas que o país está melhorando aos poucos. Achei que com essa minha fala otimista ela fosse ficar um tempo calada, pensando no que eu tinha dito. Doce ilusão.

"É, a política pode até melhorar, mas tem que ser rápido, antes que o mundo acabe." Quando a mulher disse isso, fiquei curiosa. Afinal, teria ela alguma relação com Nostradamus? Então ela se explicou. Disse que o sol está se aproximando da Terra, daí o aquecimento global. Que todo o gelo do planeta vai derreter, a água dos oceanos vai secar e o mundo ou vai acabar submerso por água salgada, ou queimado, quando o sol finalmente colidir com a Terra.

Não pude evitar a gargalhada na frente dela. Nessa hora eu ri, talvez de desespero, que me fazia tramar soluções para que o silêncio voltasse a reinar. Paz mundial? Acabar com a miséria e com a fome? Que nada! Naquela hora eu só queria silêncio e paz interior. Pensei em fingir um ataque epilético, assim ela se assustaria comigo e se afastaria. Quando analisava o chão, medindo onde seria menos sujo pra eu me jogar, vejo surgir ao longe a salvação do meu dia.

Grande, branco e azul, esplêndido. O ônibus! Tamanha foi minha felicidade nesse momento que dei um pulo do banco para a beirada da calçada. Dei um tchauzinho para a senhora que não parava de falar e, quando ele parou, fui a primeira a entrar.

Depois desse dia, aprendi a lição: nunca ir para o ponto de ônibus sem fones de ouvido. Mesmo que a música não esteja tocando, você pode fingir à vontade que não ouve o que estão falando.

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ••• **Reitor:** Marcelo Palmério ••• **Pró-reitora de Ensino Superior:** Inara Barbosa ••• **Coordenador do curso de Comunicação Social:** André Azevedo da Fonseca (MG 9912 JP) ••• **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ••• **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva (6º período/Jornalismo), Jr. Rodran (3º período/Publicidade e Propaganda), Bruno Nakamura (6º Período/Publicidade e Propaganda) ••• **Estagiária:** Daiane Leal Gomes (7º período/Jornalismo) ••• **Equipe:** Júlia Magalhães (2º período/Jornalismo) ••• **Revisão:** Márcia Beatriz da Silva ••• **Impressão:** Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ••• **Telefone:** (34) 3319 8953 ••• **E-mail:** revela@uniube.br

issuu-downloader.com

ENQUETE

Agnes Maria, estudante
"O feriado não vai fazer diferença nenhuma. Muita gente nem sabe por que é feriado"

Bruno Costa, estudante
"Não acho que vai mudar alguma coisa por ser feriado, mas é um marco anual para o povo começar a pensar"

Cíntia Cunha, professora
"Todos os dias é dia do negro. Que o feriado sirva para as pessoas refletirem, e entenderem que o negro construiu o país"

MAIS UM FERIADO

Dia da Consciência Negra

Arquivo Pessoal

Em comemoração ao Dia de Nossa Senhora do Rosário, os homens vestem o "terno" Congada Minas Brasil e as mulheres o "terno" Penacho da Ema

Élcio Fonseca
4º período de Jornalismo

Acordar às 5h30 para preparar o café e a marmita, de uma vez só. Essas são as primeiras ações no dia de Marluce Aparecida Caixeta, de 43 anos, auxiliar de limpeza de uma loja de departamentos. Mãe de três filhos, ela declara ser vítima de preconceito por causa da pele negra. "Ainda vivemos em um país completamente racista. Só quem é negro pra saber", desabafa.

Segundo Marluce, o pior é quando as crianças são discriminadas. "Meus filhos ainda são pequenos, mas já clamaram para mim que foram deixados de lado na escola".

Um projeto que nasceu com objetivo de valorizar a raça negra foi aprovado pela Câmara Municipal de Uberaba e sancionado no ano passado pelo prefeito Anderson Adauto. A lei declara 20 de novembro como feriado municipal, em comemoração ao Dia da Consciência Negra.

A ex-vereadora Marilda Ribeiro é a autora da proposta. Para ela, não é apenas a comemoração de um feriado, é um dia para que se tenham atividades de resgate da cultura da raça negra. "É um momento para chamar a atenção para o valor da miscigenação de raças e etnias na construção do país", complementa.

Presidente do Conselho Afro-descendente de Uberaba há cinco anos, Evaldo Alves Cardoso, mais conhecido como Saruca, aprova o feriado afirmando que a sociedade terá um dia de reflexão. "Não vai resolver o problema, mas a divulgação já provoca transformações sociais".

O presidente do conselho acredita que o racismo está diminuindo, mas dificilmente acabará. Saruca cita o sistema de cotas para negros nas universidades como um caminho. "A igualdade se faz através do conhecimento. O racismo só vai cair a partir do momento em que existir igualdade de direitos entre os povos", exclama.

O Conselho Afro de Uberaba existe há mais de duas décadas e hoje conta com cerca de 100 voluntários, incluindo assistentes sociais e psicólogos. Eles fazem encaminhamentos médicos e jurídicos, mas têm outra função importante:: promover a integração dos povos por meio de movimentos culturais.

A auxiliar de limpeza Marluce Aparecida já participou das festas do conselho e acredita na integração como forma de barrar o preconceito. Para ela, o racismo não vai acabar por conta do novo feriado, mas acredita que o momento de reflexão é importante. "Tenho fé que meus filhos terão uma vida onde sejam valorizados como todo ser humano, e tratados sem diferenças", conclui.

A história do dia 20 de novembro

A data de 20 de novembro, no Brasil, é lembrada pelo dia da morte de Zumbi dos Palmares, em 1695.

O Quilombo dos Palmares era um reino formado por escravos negros que haviam escapado das fazendas, prisões e senzalas brasileiras. Zumbi se tornou conhecido pela sua destreza e astúcia na luta pelo seu povo.

Maria Inês Fernandes é líder e incentivadora de projetos afro nas igrejas de Uberaba. Desde 1992, coordena o Coral Afro, que sempre participa das comemorações e eventos na cidade. Em 2002, criou o projeto Pastoral do Negro, na igreja da Abadia.

Segundo ela, o negro não conheceu seus antepassados e nem seu local de origem, o que soa negativo. "Simplesmente foram trazidos e deixados no Brasil."

Inês afirma que ainda existe preconceito em relação aos negros e que para haver mudanças é preciso maior conscientização, principalmente dos próprios negros.

"O negro precisa se superar e superar os outros para então se impor mais na sociedade".

issuu-downloader.com

Faltam medicamentos no Hélio Angotti

Hospital e voluntários buscam vencer cada batalha desenhada pela crise

Leandro Araújo
4º período de Jornalismo

Airton Teixeira, 57 anos, luta contra um tumor no intestino, desde fevereiro, quando passou por uma cirurgia. No mês seguinte, iniciou o tratamento de quimioterapia no Hospital Dr. Hélio Angotti. Ao todo, serão 12 sessões. Até agora, dez já foram realizadas. "Na maioria das vezes, falta medicamento. Quando não é um, é outro. Já precisei voltar para minha casa muitas vezes", relata Airton, que mora em Unaí, Noroeste de Minas, e está entre os 85% de pacientes atendidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), no Hélio Angotti.

Referência regional em tratamento de câncer, o hospital possui 120 leitos, moderno centro cirúrgico com seis salas e UTI de alta tecnologia com oito leitos. São diversos aparelhos para exames como tomografia computadorizada com extereotaxia, ultra sonografia, cintilografia do miocárdio, raios-X e simulador de radioterapia.

Bárbara Caretta

Atualmente, o hospital atende cerca de dois mil pacientes por mês e o déficit do hospital está em torno de R$3,6 milhões

A instituição conta com cerca de 182 integrantes da área médica, sendo 102 profissionais de enfermagem e 80 médicos. Apesar dos números, a realidade não é nada otimista.

O presidente do hospital, que há três meses assumiu a direção, Délcio Scandiuzzi, confirma o que disse o paciente Airton: faltam medicamentos. "Os medicamentos são de alto custo e nem sempre o hospital consegue atender à demanda".

Segundo a instituição, cerca de 2 mil pacientes são atendidos por mês, vindos de, pelo menos, 137 cidades. A verba repassada pelo SUS é definida conforme a quantidade de atendimentos, porém, para cada R$100 gastos, somente R$ 68 são repassados. Há 12 anos, o Sistema de Saúde não reajusta os valores de sua tabela.

Conseqüência das dívidas adquiridas com empréstimos para garantir o cuidado, atualmente, o déficit do hospital está em torno de R$3,6 milhões. A instituição gasta R$ 600 mil por mês somente com a compra de medicamentos.

A promotora de Defesa da Saúde de Uberaba, Cláudia Alfredo Marques, conta que apenas na sala dela existem sete procedimentos em andamento em função de reclamações de falta de medicamentos. "Procuramos informações com o hospital para negociação de uma solução. Quando não conseguimos resposta imediata, entramos com ação civil pública para resolução do problema", conta Marques.

O presidente do hospital admite a falta de medicamentos, mas garante que as consultas, cirurgias e exames estão sendo realizados normalmente. Délcio Scandiuzzi enfatiza que está buscando saídas para a crise a partir da mobilização de diferentes grupos. "Estamos fazendo um trabalho com todas as forças da sociedade: ONG', áreas administrativas federal, estadual, municipal e empresariado".

Os problemas da instituição só não se tornaram ainda mais graves pela generosidade das equipes de saúde. Quem precisa de tratamento sabe qual o valor de cada gesto no dia-a-dia.

"Pode faltar remédio que eu não deixo de fazer o tratamento aqui porque os médicos são como pais, as enfermeiras sempre sorrindo. Somos tratados como seres humanos aqui", finaliza Airton.

Solidariedade nunca acaba

Três instituições reúnem voluntários para apoiar o Hélio Angotti.

A **Vencer** é a mais antiga. Fundada há 11 anos, possui cerca de 150 voluntários ativos e mais de 500 cadastrados. A associação promove eventos para arrecadar fundos e busca de patrocínios para viabilizar a compra de medicamentos, exames, fraldas e até cestas básicas.

A **Casa de Apoio Daniele** completou nove anos. Foi criada com o intuito de ajudar quem vem de outras cidades. A instituição sobrevive de doações e oferece alimentação e hospedagem aos pacientes em tratamento e seus acompanhantes.

Já o **Instituto Boa Fé** iniciou suas atividades no ano passado contando com o apoio de empresários. O instituto disponibiliza ainda contas bancárias para doações. Recentemente, o instituto conseguiu visibilidade com a participação do ator Reynaldo Gianecchini nas gravações de uma campanha.

- **Vencer** (34) 3314 8283
- **Casa de Apoio Daniele** (34) 3314 9399
- **Instituto Boa Fé** 0800 941 1207 (doações de R$7/mês), 0800 941 1215 (doações de R$15/mês) ou 0800 941 1230 (para doações de R$30/mês)

issuu-downloader.com

Dona Nina e seu Zezé:
um amor construído para durar

O drama de um homem e suas duas noivas tem final feliz

Bárbara Caretta
4º período de Jornalismo

Bárbara Caretta

O casal realiza trabalhos voluntários nas paróquias de Uberaba

Nos anos 50, José Sebastião de Oliveira, o Zezé, acabava de servir o Tiro de Guerra, em Uberaba. Simpático, arrumou uma namorada, Eni Ferreira. Com poucos meses de relacionamento, resolveu pedir a moça em noivado. "Eu não gostava dela. Fiquei noivo por ficar", Zezé se defende.

Emprego na cidade estava difícil arrumar. Eis que surgiu uma proposta de trabalhar na pedreira de Ponte Alta, cidadezinha a 40 km de Uberaba. Sem perder tempo, ele foi embora. Após alguns dias na cidade, conheceu Arlinda de Souza Oliveira, a Nina, por quem logo se encantou.

Ele iniciou um namoro com Nina, mas continuou com a noiva de Uberaba. Naquele tempo, ainda tocava nos bailes nas fazendas, sempre arrumando um rabo de saia para se divertir. "Ele adiantava o relógio quando estava comigo para sair mais cedo e se encontrar com as outras", conta Nina.

Tudo seguia muito bem para Zezé até que apareceu a sogra de Ponte Alta, que não aceitava o namoro da filha com um negro. Nina lutava pelo amor e, com a ajuda do irmão, Antenor de Souza Gargo, convenceu dona Avelina que Zezé era bom partido e, então, o casal ficou noivo.

O noivado de Uberaba continuava. Até que um dia, Eni descobriu que fazia parte de um triângulo amoroso. Foi até Ponte Alta para esclarecer tudo na sala da casa de Nina. Lá, estavam reunidos Zezé, suas duas noivas e as respectivas sogras. Os noivados foram desfeitos e as alianças devolvidas. "Na hora de entregar as alianças, eu tirei a da Nina do dedo e a da Eni da carteira", relata Zezé.

A traição não foi o bastante para fazer Nina esquecer o amado. "Eu sabia que ele era mulherengo, sabia da outra noiva, da vida inteira dele, mas eu gostava dele... Gostava não, eu gosto, sou louca por esse homem", comenta entre suspiros apaixonados. O namoro seguiu as escondidas da família, sob os olhares afetuosos e cúmplices da madrinha Isaura Costa, que vigiava para que ninguém ficasse sabendo dos encontros, que duraram seis meses.

"Eu estava cansada de me encontrar com ele às escondidas. Então, perguntei se tinha coragem de assumir o noivado comigo de novo. Não precisava pedir para ninguém, eu já era maior de idade", foi o ultimato de Arlinda. Funcionou. Eles ficaram noivos novamente.

"Quando eu via a Nina meu coração dava umas aceleradas. Sabia que era com ela que eu iria me casar", disse Zezé. O casamento aconteceu em 12 de abril de 1956, dia em que, segundo o noivo, foi o mais feliz da vida dele.

Após o casamento, as festas continuaram, porém Zezé estava sempre acompanhado da sua esposa Arlinda. Até mesmo quando os filhos vieram, Lemart e Lenard, nos bailes em que Zezé tocava, todos iam.

Cinqüenta e três anos depois do casamento, ambos com 74 anos de idade, aproveitam os momentos livres que a aposentadoria proporciona vivendo um para o outro. Também participam das atividades da Unidade de Atendimento ao Idoso (UAI) e das Paróquias de Nossa Senhora D'Abadia e São José.

"Eu não sei dar um passo sem o Zezé. Quando fico longe dele, parece que falta um pedaço de mim. Eu fico perdidinha", finaliza Nina.

Acervo pessoal

Dona Nina morava em Ponte Alta e batalhou pelo amor de seu Zezé lutando, inclusive, contra a própria mãe que desconfiava do moço

issuu-downloader.com

Rotina de gente pequena

De olho no futuro, crianças mostram maturidade e aprendem a dividir o tempo de lazer e de estudo

Iara Rodrigues
4º período de Jornalismo

No apartamento, uma garotinha muito simpática me recebe com um sorriso. É Esthella Marciano Romano. Quando a vi, logo pensei: ela está ligada na novela global *Caminho das Índias* e aderiu à moda indiana, pois usava um bindi (espécie de adesivo que os indianos colocam na testa). Pouco depois, soube que a pequena faz dança indiana há quatro meses, no período da manhã. A menina de jeito meigo tem apenas nove anos e está no 4º ano, a antiga 3ª série. A jovem estuda na escola particular Jean Piaget, próximo à sua residência, no bairro Santa Maria.

Do outro lado da cidade, no Parque do Mirante, toco o interfone de uma casa e quem me recebe é Guilherme de Paula Soares Alves Barbosa. Um garoto de dez anos, que está no 5º ano, antiga 4ª série, no colégio Projeto. Guilherme conta que estava no vídeo game, enquanto me esperava. Essa é uma de suas diversões de fim de semana. Outra coisa que o garoto adora fazer é jogar futebol. Em casa, o menino é tranquilo, mas, na quadra, tem velocidade e foi apelidado de "furacãozinho" pelos amigos do clube.

Guilherme demonstra maturidade em suas respostas. "No momento, quero ser criança porque meu tempo de criança vai acabar. Como profissão, futuramente, penso em seguir carreira na medicina".

A psicóloga educacional, Helena de Ornellas Sivieri Pereira afirma que é na infância que começamos a formar o nosso "eu". A criança procura saber o que o outro pensa dela. "Em psicologia, acostumamos dizer que o tu vem antes do eu. Preciso do outro para me constituir; ninguém se constitui sozinho", explica.

No domingo de manhã, encontro João Antônio Gomes de Rezende. O céu estava nublado e fazia frio. Um dia ótimo para dormir até mais tarde, mas o menino de 12 anos optou por acordar cedo e ir ao encontro do "Grupo Domingo Fraterno", na paróquia de Nossa Senhora da Abadia. Um pouco tímido e com receio de falar, João diz estar na 6º série e tem sonho de ser climatologista. Estuda na Escola Municipal Niza Marquez Guaritá e explica que o fato de querer ser climatologista se deve ao apego pela geografia.

O dia do garoto começa cedo. Às 6h, acorda para ir à escola. Retorna na hora do almoço e assiste televisão. "Meu programa favorito é TV Globinho", comenta João Antônio. Após o almoço, leva os irmãos para a escola. Na parte da tarde, faz as tarefas, brinca de futebol com os amigos na rua ou vê televisão. Quando chega o final de semana é só diversão, mas, para não perder o costume, também acorda cedo.

A rotina da menina Esthella também é movimentada. Aproveita seu tempo para estudar, brincar e praticar atividades físicas. Duas vezes por semana, no período da manhã, joga tênis e, nos outros dias, fica em casa para estudar e fazer as tarefas. Na parte da tarde, fica na escola. "A mamãe não quer que eu estude de manhã", lamenta a garota. Perguntei se ela gosta de acordar cedo: "Não, mas... mas... mas é melhor para ficar folgada na parte da tarde", fala e solta uma gargalhada.

A rotina da garota parece não ter fim. À noite, pratica vôlei na terça e na quinta. Segunda, quarta e sexta, Esthella aproveita para fazer as tarefas e ficar mais livre na manhã seguinte.

"É rotina de criança. Ainda não coloquei para fazer inglês porque quero esperar ela ficar mais madura um pouco", comenta a mãe de Esthella, Iluska Moritz Marciano Romano. Apesar de tantas atividades, a menina ainda tem vontade de fazer música.

Já Guilherme, não se prende a uma rotina cheia.

issuu-downloader.com

De acordo com a mãe, Francilene de Paula Barbosa, normalmente, durante a semana, ele acorda entre 9h30 e 10h e toma café da manhã. Quando não tem tarefas, ele assiste televisão. No período da tarde, vai para a escola. À noite, fica com a mãe, em casa. Final de semana é tempo de diversão em família. "Sou filho único e me sinto muito sozinho. No domingo, gosto de brincar com meus primos na casa da minha avó. A gente brinca de pique-pega, pique-esconde, futebol... É legal demais", explica Guilherme.

A psicóloga Helena de Ornellas pondera que o melhor para a criança é ocupar o tempo com atividades e brincadeiras livres, sem rotina. Segundo ela, atividades físicas, como dança e esportes, fazem bem para o desenvolvimento.

Fotos: Iara Rodrigues

Maquilagem está entre as brincadeiras preferidas da pequena Esthella

Os pequenos e seus pais

A mãe de Esthella, Iluska, é advogada e tem também Beathriz, de cinco anos. Afastou-se da profissão para se dedicar às filhas. Rodrigo Romano, esposo de Iluska e pai das meninas, estuda medicina e não tem muito tempo de ficar com as pequenas. Segundo Iluska, ele sai cedo para trabalhar, volta para almoçar, sai de novo à tarde e chega apenas no final do dia. "O papai é biomédico e vai ser médico. Quase todo final de semana, ele tem um plantão. Aí, a gente não fica com ele", conta Esthella.

A mãe de Guilherme, Francilene, conta que não tem muito tempo durante a semana para se dedicar ao garoto. A mãe é técnica de faturamento e o pai profissional autônomo. "Como trabalho o dia todo e meu marido também, a gente vê muito pouco nosso filho. A gente sente muito por não poder estar com ele, mas tem que trabalhar", desabafa Francilene.

A mãe de João Antônio, Adriana Gomes Cirino, está desempregada e mora no bairro de Lourdes com seu companheiro e os sete filhos (José Lucio, 11 anos; Jorge Luiz, sete; Jonas Maciel, seis anos; Gabriel, quatro; Carlos Eduardo, três e Washington, de um ano). O pai de João Antônio mora em outra cidade e o garoto praticamente não tem contato com ele. A mãe passa grande parte do tempo com os filhos. "Graças a Deus sou bem presente na vida dos meus filhos, ajudando, cuidando...", argumenta Adriana.

Conforme a psicóloga educacional, o relacionamento entre pais e filhos é a base para a formação de uma criança. "A criança tem que sentir que pertence àquela família. Sentir segurança para ter um desenvolvimento mais tranquilo", ressalta. Ainda de acordo com Helena, a escola também tem papel importante na formação da criança. A instituição representa o conhecimento formal.

A pequena Esthella está na idade de chamar atenciosamente a professora de "tia". Ela conta que gosta da escola porque é bem tratada e são muitas as amizades. "Nas aulas, a tia lê para a gente e explica. Às vezes, a gente brinca de salão com as meninas. Aí, a gente faz maquiagem e faz escova. É muito legal", afirma Esthella, empolgada.

Leandro Araújo

Adriana Cirino, mãe de João Antônio, tem outros seis filhos e garante que consegue se fazer presente na vida de todos

Domingo Fraterno

O Grupo Domingo Fraterno é um projeto de assistência a famílias carentes. Começou em Uberaba, em maio deste ano, e já auxilia 21famílias. Dessas famílias, 51 crianças, de zero a 13 anos, são beneficiadas.

O projeto conta com 20 voluntários que, em dois domingos do mês, participam de encontros na paróquia de Nossa Senhora da Abadia. No primeiro domingo, servem café da manhã, fazem a evangelização e distribuem fichas para as famílias pegarem cestas básicas no próximo encontro.

Além dos encontros, os voluntários visitam as famílias carentes em outros dois domingos do mês. "Temos como objetivo levar a evangelização, o sacramento da igreja católica para as crianças e até mesmo para os adultos. A gente não se preocupa só com os bens materiais", explica João Cristóvão Guilherme, coordenador do projeto.

issuu-downloader.com

Cirurgia da alma

A reportagem do Jornal Revelação foi até a Chácara Vale do Sol, no município de Uberaba, onde o médium Maurício Magalhães diz incorporar o espírito de Dr. Fritz para realizar cirurgias espirituais. Movidas pela fé, pessoas de todas as idades e com vários tipos de enfermidades buscam soluções. Encontramos casos de sucesso e outros que apresentaram complicações.

Thiago Ferreira
4º período de Jornalismo

Saindo de Uberaba pela rodovia MG 427, sentido Conceição das Alagoas, percorremos dois quilômetros e entramos à esquerda. Rodamos mais um quilômetro por uma estrada estreita. O asfalto acaba e são mais alguns metros de estrada de terra até chegarmos à Chácara Vale do Sol, sede do centro espírita do médium Maurício Magalhães.

O lugar é bem simples, com muitas árvores e cerca de dez salas para os atendimentos. Maurício nos recebe e exibe o consultório odontológico, montando, em um *trailer*, a cozinha industrial, ambientes para cromoterapia, musicoterapia, salas de passes e de estudos sobre a doutrina espírita. Por último, nos apresenta a sala do Dr. Fritz. Na parede, um quadro do mentor, o médico alemão Adolf Fritz, que nasceu em Munique, em 1876. Após sua formatura, Fritz ingressou no exército atuando como clínico geral, na Primeira Guerra Mundial. Pela falta de recursos, tornou-se mestre no uso de material improvisado para o atendimento emergencial e cirúrgico.

Estudiosos da doutrina espírita dizem que ele teria causado muitos danos às pessoas e que voltou à terra por meio de um intermediário para se redimir dos males. A primeira manifestação que se tem conhecimento no Brasil foi na década de 50, com Zé Arigó, em Congonhas/MG.

Com o mato-grossense Maurício Magalhães, a incorporação de Fritz teria sido quando o médium completou 17 anos. "A minha família é espírita e os líderes do centro que frequentávamos achavam meio absurdas aquelas manifestações, já que o Fritz é um espírito raro", fala o médium.

O retrato de Fritz fica em meio a outros de espíritas renomados, como Alan Kardec, Chico Xavier e Bezerra de Menezes. No canto da sala, há um armário cheio de medicamentos, sondas, bisturis e tesouras.

> "Fui envolvida e levada pelo desespero, pela minha dor. Não volto e não recomendo"

Em dia de cirurgia espiritual, os quadros são expostos sobre uma mesa em uma imensa varanda, onde o médium "opera" as pessoas.

Uma trabalhadora autônoma, de 41 anos, mãe de duas filhas, que preferiu ter sua identidade preservada, já esteve na chácara em busca de cura. Ela sentia fortes dores na coluna, causadas por uma hérnia de disco, quando foi incentivada por amigos a procurar o Dr. Fritz, por meio de Maurício Magalhães.

A senhora não entrou na fila, organizada por um sistema de senhas, pois tinha conhecidos que trabalhavam como voluntários auxiliando as sessões. Ela conta que com um bisturi, o médium fez um corte de aproximadamente um centímetro na região lombar. Ela afirma que sentiu uma leve dor, mas não saiu sangue. Depois, seguiu para uma sala, onde foi feito o chamado "ponto espiritual", uma sutura. Na volta para casa, sentiu uma forte dor e percebeu um leve sangramento. No terceiro dia após a cirurgia, estava agendado o retorno. Houve um segundo corte, no mesmo local. A senhora conta que, desta vez, sentiu uma dor forte. Nos dias anteriores, ela já havia percebido que uma secreção esbranquiçada saia do corte e a região apresentava inchaço.

O que a trabalhadora não imaginava é que o bisturi usado para fazer o corte estava contaminado com uma bactéria comum em hospitais. Exames clínicos comprovaram, cerca de uma semana após a cirur-

O médium Maurício Magalhães garante que incorpora Adolf Fritz desde os 17 anos

Fotos: Arquivo Jornal da Manhã - Fernanda Borges

issuu-downloader.com

Na chácara, há um armário cheio de medicamentos, sondas, bisturis e tesouras

Fotos Arquivo Jornal da Manhã - Fernanda Borges

gia, uma infecção pela bactéria *Staphylococcus Aureus*, comum em materiais cirúrgicos não esterilizados. Foram 18 dias internada sob os cuidados de um ortopedista, um infectologista e um neurologista. O uso de anti-inflamatórios e de outros medicamentos se prolongou por mais um mês. Além do emocional abalado, houve ainda o agravamento do problema na coluna. "Eu tinha 10% de chance de me livrar da morte ou de uma paralisia. Fui envolvida e levada pelo desespero, pela minha dor. Não volto e não recomendo", desabafa a entrevistada.

Perguntamos ao médium Maurício o que ele tem a dizer sobre a história da mulher que contraiu a infecção e ele foi enfático: "Eu não tenho conhecimento desse caso". O médium diz que as pessoas o procuram quando estão em um estágio avançado da doença e que, na maioria das vezes, já não há eficácia no tratamento. Ele explica que há uma "bipolaridade espiritual", ou seja, que teria ouvido falar que outro médium na cidade também estaria recebendo o Dr. Fritz. "Eu não sei quem é essa pessoa, apenas ouvi dizer que é no bairro Volta Grande. Ela deve ter confundido o local que ela foi", justifica-se.

> "Esse tipo de atividade exerce um certo fascínio sobre as pessoas"

O médium se empenha para passar credibilidade. Afirma que todas as quartas-feiras, a partir das 18h, são recebidas cerca de 1500 pessoas na Chácara Vale do Sol, mas ressalta que apenas 500 são atendidas. Quando nossa equipe de reportagem esteve no local no dia 30 de setembro, havia aproximadamente 100 pessoas. Segundo ele, o atendimento é totalmente gratuito, realizado com o apoio de uma equipe com 150 voluntários. Maurício assegura que são médicos, dentistas e fisioterapeutas. O médium ressalta que realiza um trabalho rigoroso de assepsia dos materiais cirúrgicos, além de um cadastro que funciona como um prontuário médico.

Na noite da reportagem, luvas descartáveis não foram utilizadas. Os bisturis e tesouras estavam expostos nas bandejas dos assistentes.

Durante as entrevistas, chegamos a mais um "paciente" de Maurício Magalhães. O auxiliar de produção Antônio Júnior, de 47 anos. Ele contou que em 2004, durante uma partida de futebol, sofreu uma contusão. O diagnóstico médico foi o rompimento do tendão do joelho esquerdo. Antônio chegou a fazer tratamento com um ortopedista, mas achava que a melhora estava muito lenta. Com a indicação de amigos, foi até a Chácara para a "cirurgia" com o Dr. Fritz. Foram três cortes, um a cada sessão, e seis semanas de tratamento, baseadas em passes. Ele garante que conseguiu se curar. "Os auxiliares do Maurício explicam tudo o que será feito. É evidente a minha melhora. É preciso ter fé, caso contrário, não vai adiantar".

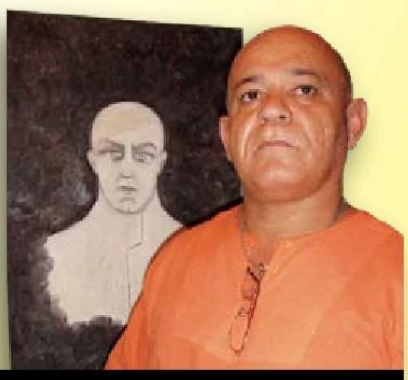
À medida que fomos produzindo esta matéria, localizamos vários outros personagens, mas todos se negaram a dar entrevista.

Buscamos novo contato com Maurício e ele nos assegurou que em seus 34 anos de trabalho já atendeu mais de quatro milhões de pessoas de todos os lugares do país. Nos revelou que esteve preso, quando morava na capital paulista, em 1998. Segundo o próprio Magalhães, são 49 processos por diferentes acusações, como prática ilegal da medicina, curandeirismo, charlatanismo e formação de quadrilha.

No Fórum Mello Viana, em Uberaba, não há nenhuma ação criminal; encontramos alguns autos ligados a assuntos financeiros.

Membro do Conselho Regional de Medicina de Uberaba, Nelson Barsan, diz que nada pode ser feito quanto ao trabalho de Maurício Magalhães. De acordo com ele, o conselho só pode agir e interferir na classe médica. O que o CRM pode fazer é orientar qualquer pessoa que tenha alguma queixa a formalizar uma denúncia no Ministério Público para que seja aberta uma investigação. "Esse tipo de atividade exerce um certo fascínio sobre as pessoas, mas lhe garanto que tratamento médico verdadeiro só é possível com profissional qualificado", assegura Barsan.

A equipe do Revelação também procurou a AME - Aliança Municipal Espírita de Uberaba. Depois de vários telefonemas conseguimos conversar com o coordenador do Departamento da Juventude, Júlio César da Silva. Ele disse, por telefone, que não há ninguém da AME que possa falar sobre o trabalho realizado por Magalhães. "Não conhecemos o trabalho desenvolvido na Chácara Vale do Sol, por isso não podemos falar sobre a questão", frisa Júlio.



issuu-downloader.com

Rock independente desafia
dificuldades rumo ao reconhecimento

Alex Batista Rocha
4º perído de Jornalismo

Vontade, atividade, oportunidade, musicalidade e dificuldade. Tais substantivos rimam e produzem o mesmo significado quando o assunto é ter uma banda de rock independente em Uberaba.

O grão-vizir da letra *Chão de Giz* do cantor Zé Ramalho, foi a inspiração para o nome da banda, após a ideia de gravar músicas próprias que haviam sendo trabalhadas por Rodolpho Cahuí Roood (vocal) e Foster Rodrigues - Abutre (guitarra).

A Granvizir teve início em 2007 e os ensaios e estudos musicais aconteciam de segunda a sexta na casa do ex-baterista Nathan, hoje substituído por Marcelo Lima. A banda também conta com Mateus Graffunder - Garfield (guitarra) e Carlos Pechiori - Tico (baixo).

Os integrantes dizem que um dos problemas enfrentados pelo grupo é a falta de investimento necessário para se ter material independente em nível de mercado. "As dificuldades sempre existiram e vão existir, mas soubemos superar todas trabalhando muito e correndo atrás", conclui Rod, que também cita a importância do apoio da família. Os ensaios antes realizados na casa de Nathan continuam de segunda a sexta, só que agora no estúdio e também escritório da banda. Na casa, a banda se mantém sempre em movimento, num dia-a-dia considerado por eles muito corrido. "Somos nossos próprios produtores, então vamos atrás de shows, projetos, festivais, fazemos nossas artes, divulgação e manutenção de todos os endereços da internet", concluem.

O reflexo do trabalho surge forte. Depois de um EP lançado em 2008, a Granvizir foi convidada pelo coletivo cultural de Uberaba, Megalozebu, para integrar a coletânea do *Circuito Fora do Eixo*, forte aliado das bandas brasileiras independentes. A música escolhida foi "Beneficiam Quem?". Além deste reconhecimento, a música *Sonhos na Mochila* integra a programação da rádio Sete Colinas FM, líder em audiência no estilo pop rock em Uberaba.

Tantas conquistas são vistas como incentivo para trabalhar mais. Recentemente, assinaram com o selo da gravadora SHS-tudio, e se apresentaram no Triângulo Music 2009 (maior festival de música do Triângulo Mineiro). Ao mesmo tempo, o grupo finaliza um álbum de 13 faixas e um clipe para lançamento em 2010, junto com uma turnê.

Outra banda que também está na estrada pela vontade de fazer rock de seus integrantes é a **Acidogroove**. Com quatro anos de existência, foi batizada pela acidez das músicas, e conta atualmente com Fred Pinheiro (vocal e guitarra), Guilherme Brasil (guitarra e vocal), Fabiano de Paulo (baixo e vocal) e Pi Carpinelli (baterista convidado). Os garotos conseguiram a partir do EP de três faixas inserir a banda entre as 14 que mais chamaram atenção da equipe Trama Virtual, em 2007.

Em 2008, o grupo participou da coletânea do álbum Branco dos Beatles, organizado por Marcelo Froes. O projeto que será lançado em duas etapas, também contou com a participação de Zé Ramalho, Pato Fu e Erasmo Carlos.

Atualmente, a banda trabalha em parceria com o selo Gravadora Discos e terá parte da turnê financiada pela produtora Sapólio Rádio.

A banda se sustenta com o dinheiro da música e com o que Fred recebe

Na estante
Prêmios e indicações das bandas:

• **Granvizir:** Prêmio Mineiro da Música Independente 2008 (Belo Horizonte) - categoria regional e indicada à revelação estadual. Vencedora do Concurso Pop Rock 2009, prêmio que garantiu à banda apresentação no Triângulo Music em Uberlândia – Eles tocaram no dia 6 de novembro, no mesmo dia que Marcelo D2 e Jota Quest.

• **Acidogroove:** Prêmio Toddy (São Paulo) - categoria banda revelação de 2006. Site especializado em música independentes Senhor F Virtual incluiu a banda entre as dez do país com melhores singles e demos em 2006.

issuu-downloader.com

como empresário, Guilherme como gerente de vendas e Fabiano como publicitário.

A Acidogroove sempre ensaiou na casa de Guilherme, que transformou o local em um estúdio. Os ensaios ocorrem quatro vezes por semana. Fred diz que sempre focam a criação e a busca de formas de execução do repertório, visando a satisfazer todos integrantes. A banda prepara álbum com nove faixas ainda para este ano, e tem como projeto para o ano que vem a abertura do estúdio ao público, com o intuito de mostrar a realidade dos ensaios e estreitar a relação com os fãs.

Entre as dificuldades ponderadas por Fred está a falta de tempo para dedicar-se integralmente à banda e também a problemática da cultura local. "A cidade prefere ridicularizar o novo e diferente ao invés de se propor a conhecê-lo. Você não pode exigir que uma sociedade acostumada com um modelo de normalidade acomodada passe a acreditar num modelo de 'anormalidade' ativa".

Fazer música diferenciada também é o objetivo da banda **Nekrotério**, em ação desde 2005. Os integrantes Allan Snipher (guitarra e vocal), Speed Freak (baixo e vocal) e Rodrigo Costella (bateria) apresentam um som pesado, fora do convencional. Pelo estilo, surgiram problemas, como a implicância dos vizinhos durante os ensaios e até ordem para interromper as apresentações em função do barulho.

O trio garante que o som independente não é sinônimo de amadorismo. Para eles, a dificuldade é fazer as pessoas conhecerem o som, o que está relacionado com encontrar espaço para tocar. "Amem ou odeiem, a gente toca do mesmo jeito", rebelam-se.

A paixão pela música é tanta que Speed tem um projeto de rap chamado *Speed-Yo*, Rodrigo toca também na banda de black music Soul n' Farm e Allan atua no projeto solo de grind-core eletrônico chamado Pinto Sujo. Com a correria, a Nekrotério geralmente ensaia aos sábados na casa dos integrantes.

Todos se sacrificam para bancar o sonho de ser reconhecido. Speed é designer gráfico, Rodrigo, funcionário de uma loja de instrumentos musicais, e Allan, estudante. Parece valer a pena.

A *demo Contos do Nekrotério*, resultado da fusão de Punk, Rock e Psychobilly, foi lançada em 2005. O EP *Beberei a noite inteira o seu sangue geladão*, veio três anos depois e o álbum que a banda gravou recentemente só não saiu porque ainda falta verba para a prensagem e a distribuição.

A maior aliada das bandas independentes é a *Internet*. Por meio da rede acontece a divulgação não só das músicas, mas das datas de apresentação.

Por aí...

Aos poucos, as bandas ganham espaço:

• **Granvizir:** Prêmio Mineiro da Música Independente 2008 (Belo Horizonte), 75º Expozebu (Uberaba), Festival GOMA de Música Independente 2009 (Uberlândia), Grito Rock (América do Sul – Cidade Uberaba)

• **Acidogroove:** Festival Jambolada (Uberlândia), Festival Marreco (Patos de Minas), Grozelha Fuzz (Ribeirão Preto), Araraquara Rock (Araraquara), Novas Tendências (Uberaba)

• **Nekrotério:** Athos Pub, Sírio Libanês, Bar do Gaúcho, Salão do Mágico e Maison Blanche (Uberaba), Área 51 (Bauru), Toca do Bilhar (Uberlândia)

Os EPs (espécie de CD Demo, com poucas faixas) lançados e as redes sociais (Myspace, Orkut, Blog, Trama Virtual, entre outros) contribuem para a apresentação das bandas.
o Toddy (São Paulo) - categoria banda revelação de 2006.
Site especializado em música independentes Senhor F Virtual incluiu a banda entre as dez do país com melhores singles e demos em 2006.

issuu-downloader.com

Realidade

Bandas de Rock femininas, nacionais e internacionais

Agnelas
Revelada pelo quadro "olha a minha banda" no Caldeirão do Hulk

Crucified Barbara
Banda Sueca, iniciou a carreira em 1998

Gloss
Banda Paulista, formada em 2005

O Rock de Uberaba também usa calcinha

Danilo Cruvinel
4º período de Jornalismo

AcidoGroove, Granvizir, B4, Mellrose, Troll, Baltazares e *Outubro*, essas são algumas das bandas de rock de Uberaba. Todas possuem um ponto em comum: são formadas por homens. Então, se você esperava ver mais uma matéria falando apenas de marmanjos, pare por aqui, porque o que vai rolar agora é batom, sombra, gloss, chapinha e, claro, muito rock and roll.

As mulheres ganharam espaço no mundo e, na música, não é diferente. A cena de rock em Uberaba também não foge à regra. Ainda são poucas, com influências e histórias distintas, mas todas possuem a mesma paixão pela música.

"Em Uberaba, sempre foi assim. Falta material humano. Não sei o motivo real, se é o medo de preconceito. Eu prefiro ver uma banda só com mulheres do que uma com um bando de marmanjos. Tocando bem, é muito melhor ver mulheres do que homens", constata o diretor de palco e diretor musical Nelson Flash, que há quase 30 anos atua na cidade.

Não existe contagem oficial de quantas bandas de rock só de mulheres há, mas Nelson estima que são umas 50.

The Drunkies foi uma banda com apenas garotas na formação. O nascimento se deu pela vontade de amigas de colegial de terem uma banda com influência punk rock. Ana Cláudia Soares, a Kaká, atualmente professora de História e baixista da banda DCV, relembra que na época em que começou a tocar baixo tinha só 15 anos.

"A gente se apresentou em alguns festivais e no extinto Athos Pub, mas nunca recebi um real com a banda. Os meninos adoravam a gente, cinco meninas tocando de 'sainha'. Eles deliravam, mas as outras meninas nos odiavam", comenta Kaká, lamentando que a *Drunkies* tenha durado pouco mais de um ano.

> "Os meninos adoravam a gente, cinco meninas tocando de sainha

Ela diz que jamais imaginou que tanto tempo depois ainda estaria tocando. "Depois que a *The Drunkies* acabou, fui fazer faculdade e engravidei. Fiquei três anos sem tocar. Voltei em abril deste ano, quando fui convidada a fazer parte da DCV. Estou adorando tocar de novo".

Kaká é a única mulher da banda e não sente pressão, nem preconceito. "Os meninos me tratam super bem. Os ensaios são descontraídos e o público sempre me elogia, dizendo que estou tocando bem e que nosso som está legal", finaliza a baixista.

De guitarrista à produtora de eventos

Por influência dos pais, Letícia Rezende iniciou sua história na música aos 10 anos de idade. Ela começou tocando flauta doce, porém não fazia seu estilo e decidiu parar. Aos 13 anos, já tocava guitarra. "Estudei durante cinco anos no Conservatório Renato Frateschi e, a partir daí, comecei a tocar em bandas *pop*", conta Letícia, que fundou com uma amiga a banda *100 Abas*.

"A intenção era formar uma banda só com meninas, mas a dificuldade de encontrar uma baterista fez com que tivéssemos um homem na banda", comenta.

Por causa de conflitos, a *100 Abas* acabou, mas deu lugar à nova banda, a *DIU*, que durou dois anos. "Ensaiávamos todo fim de semana. O repertório era metade autoral e metade *cover*. Infelizmente, chegou um momento em que o *punk* não supria nossas vontades e estávamos a fim de fazer algo mais trabalhado. O melhor jeito era começar a tocar com outras pessoas, e dissolvemos a banda".

Atualmente, Letícia é produtora de eventos, integra o Coletivo Megalozebu. "Há três anos, comecei com um programa de rádio, promovi excursões para eventos alternativos, fizemos a primeira edição do *Encontro Novas Tendências*. Quando vi, já era uma produtora".

Ela comenta que a participação das mulheres no rock uberabense tem crescido muito pelo amadurecimento da população em relação à mulher no mercado de trabalho. "Recentemente participei de um congresso de música e as mulheres eram 40% do grupo", finaliza.

Arquivo pessoal

Letícia integra o Coletivo Megalozebu

issuu-downloader.com

Pitty, em defesa do rock brazuca

Alex Batista Rocha
4° período de Jornalismo

Três álbuns de estúdio, um DVD ao vivo, vários prêmios e uma incontável quantidade de fãs Brasil afora. Pitty ostenta bem o título de ser um dos principais ícones da atual geração do rock brazuca. Antes de tantas realizações, a cantora vivenciou a cena underground baiana tocando em duas bandas, a *Inkoma* e a *Shes*. Com a *Inkoma*, Pitty chegou a gravar o álbum "Influir" e participar de algumas coletâneas, inclusive um tributo à banda *Ratos de Porão*. Ela continuou compondo após o fim de ambas bandas e não demorou muito para ela ser procurada pelo amigo e produtor musical, Rafael Ramos. A banda que iria se chamar Projeto Andróide, acabou sendo batizada com o apelido de Priscilla Novaes Leone – Pitty. Atualmente, conta com Duda na bateria, Martin na guitarra e Joe no baixo.

Na correria da divulgação e lançamento da turnê de seu mais recente álbum, Chiaroscuro, Pitty concedeu entrevista para o **Revelação** via *email*. Confira!

Revelação. Como você teve a ideia de fazer música independente?

Pitty. Escrevo desde muito nova e ter uma banda possibilitava que eu escoasse esses escritos além de fazer outra coisa que eu amava que era cantar. Isso começou na pré adolescência, por volta de 13, 14 anos.

Revela. Como aconteciam os shows, as gravações e os horários?

Pitty. Era tudo feito de forma bem independente e *underground*. O desejo de fazer um som era tanto que driblávamos, de algum jeito, as dificuldades. Esse espírito do "do it yourself" é bem presente no rock e, em Salvador, mais ainda. Não havia apoio de mídia, nem patrocínios. Tudo era conquistado a muito custo e com muita garra. Um trabalho de militância.

Revela. Quais foram as maiores dificuldades em levar adiante uma banda só de garotas?

Pitty. Tanto no caso da *Shes*, do *Inkoma*, ou das inúmeras bandas de *rock* de Salvador as questões eram as mesmas: não havia mídia especializada, nem meios de divulgar os nossos trabalhos. Era difícil chegar ao público e informá-lo de que ali havia uma cena. Isso acabou conquistando aos poucos, a passos de formiga e, algum tempo depois, foi se formando um público cativo.

Revela. Na banda Inkoma, você era a única calcinha no meio de três cuecas.

Pitty. Eu já estava acostumadíssima a conviver e ter banda com meninos. Sempre tive mais amigos homens, inclusive. Estranho foi me adaptar ao ambiente feminino da Shes, a coisa de se arrumar, todas juntas para o show. Eu era um moleque. Na época, essas frescurites de menina eram motivos de piada pra mim. Demorei a descobrir a minha feminilidade.

Revela. Que tal o *rock* feito por garotas hoje?

Pitty. Rolou um *boom* na mídia de bandas de garotas de uns tempos pra cá, mas eu não acredito em modismos. Não adianta forçar a barra e empurrar coisas goela abaixo somente porque alguma garota deu certo. É chato ser tratado como um *freak*. É sacal essa distinção de gêneros. Música não tem sexo. O que importa é se as canções são legais.

Revela. Qual dica você dá a essas garotas?

Pitty. Não se preocupem tanto em serem "garotas" e sim em serem boas instrumentistas, compositoras. O fato de ser mulher é um detalhe que transparece naturalmente, sem que se precise colocar um holofote em cima disso.

A banda tem influências de Paramore e Pitty

A Kimera resiste!

Hoje, em Uberaba, a banda Kimera talvez seja a única formada apenas por mulheres e que esteja em plena atividade. As amigas Renata Karini (Reeh) vocal, Fernanda de Assis (Coooxa) guitarra solo, Jéssica Alves (Géèla) guitarra base e Gislaine Santos (Gisa) baixo, criaram a banda há um ano.

"Tocamos no Festival Rock Dog e no Favela Chic. No festival, a maioria das pessoas estavam lá para nos ver. No Favela, lotamos a casa", comentam Reeh e Coooxa.

As garotas têm como influências bandas atuais, como Paramore, Vanilla Sky, Pitty, Lipstick, Agnela e associam a escolha à evolução natural no *rock* no município. "A maioria das bandas toca o *rock* clássico, Led Zeppelin, Deep Purple, Beatles, nós direcionamos nosso som mais para o público de 13, 14 anos. Eles ouvem músicas atuais. Nós apenas evoluímos", declara Gisa.

Sobre o apoio dos pais, as opiniões das meninas são bem diversas. Coooxa e Rehh contam que não há repressão, mas também não existe muito apoio. Já Géèla teve mais sorte. "Eles (pais) sempre me apoiaram, tanto que o meu primeiro violão foram eles quem deram", lembra. Gisa foi a mais polêmica: "Acho que minha mãe nem sabe que eu toco em uma banda".

A respeito do preconceito, elas são diretas. "Às vezes perguntam quem toca para gente. Se não somos muito novas para isso, mas, subimos no palco e mandamos ver", finalizam Gisa e Géèla.

issuu-downloader.com

Stand-up Comedy chega à cidade

Ultrapassando as fronteiras do país e da *Internet*, o humor de cara limpa se apresenta

Nathália Alberto
4º período de Jornalismo

Chove forte, o vento frio arrepia os cabelos. O chão está começando a ficar molhado. A lona branca que compõe o camarim balança bruscamente. A equipe de produção corre para manter todos os instrumentos fora do alcance da água. No meio de todo esse alvoroço, Breno Rafael Martins Parreira Rodrigues Rezende, sentado em sua cadeira de plástico branca, segue sua seqüência de pó, *blush*, lápis, rímel e batom. Breno lentamente vai se transformando em Cazsandra, sua personagem de stand-up comedy.

Breno Rafael dá vida à Cazsandra

Quando Cazsandra finalmente fica pronta, de salto alto, meia calça preta, maquilagem extravagante, cabelo verde, uma saia longa estampada e uma jaqueta, a chuva já havia dado trégua.

Nem o barulho de uma banda alternativa que tocava na praça atrapalhava a concentração do ator antes de subir no palco do *Prévias Encontro Novas Tendências de Uberaba*.

O evento aconteceu no sábado, 19 de setembro.

O show de stand-up comedy é uma rápida montagem teatral do gênero humor, feita por um comediante em pé, sem apoio de um cenário ou texto decorado. É muito conhecido como humor de cara limpa, em que o comediante cria suas piadas de acordo com suas próprias fraquezas, fazendo graça sobre sua aparência ou dificuldade. Um bom comediante de stand-up consegue improvisar piadas no momento de sua apresentação, zombando de coisas que estão acontecendo a sua volta, envolvendo o público no show dele.

Breno está no teatro há 10 anos, faz parte da Cia. Bachianas de Teatro e começou a trabalhar stand-up através de vídeos na internet. Cazsandra surgiu assim que ele conheceu o estilo. "Foi uma brincadeira. Estava num bar com uns amigos, comecei a fazer graça fingindo ser uma orientadora sexual. Foi engraçado e espontâneo. Todo mundo riu", lembra Breno. Depois desse dia, ele começou a desenvolver a personagem, criou o nome e a identidade de Cazsandra. "É uma apresentadora de TV esnobe. A fama subiu à cabeça e ela se sente a estrela. Fala de sexo e explica detalhes que ninguém discute. Só que do jeito dela. É louca", explica Breno rindo da personagem.

> "Um bom comediante de stand-up consegue improvisar

Quando Cazsandra aparece, gritos e assobios surgem da platéia. Ela inicia ensinando a galera a colocar uma camisinha de forma segura, utilizando uma banana. Ela tira as dúvidas da plateia e se despede, depois de arrancar boas risadas.

"O objetivo do Festival de Novas Tendências é mostrar os vários tipos de arte, por isso,convidei o Breno. Ele está trabalhando numa coisa nova e é muito bom nisso", declara Letícia Rezende, organizadora do evento.

Do público que assistiu a apresentação surgiram diferentes comentários, como o de Kate Árabe, atriz e produtora: "Fiquei muito surpresa de ver isso em Uberaba! Achei a intervenção super pertinente com o evento".

Já o produtor e diretor, Ari Morais considerou que Breno tem um material muito bom, tem muito potencial, mas foi superficial. "Faltou alguma coisa, agora que ele desceu do palco, já nem lembro dele mais". Para a estudante Cristiane Lindeza, a apresentação foi legal. "Ele foi bem versátil, comunicativo, e bastante extravagante. Adorei!"

O sucesso de Fábio Rabin

O *stand-up comedy* é um estilo de humor que já é explorado nos Estados Unidos, desde o final do século 19. Na época, esses comediantes eram considerados "contadores de piada" que entretinham o público nos intervalos dos espetáculos. O estilo foi introduzido no Brasil por José Vasconcelos, na década de 60, mas foi pela *Internet* que os comediantes conseguiram destaque. Vídeos de *stand-up* estão direto na lista dos mais acessados do Youtube. Foi lá que encontramos Fábio Rabin, ator desde 2002, comediante há mais de quatro anos. Ele já trabalhou no Pânico na TV, fez campanha para a ESPN Brasil, trabalhou em shows como Cabaré do Diogo Portugal, e, agora, está na MTV ao lado de Marcelo Adnet e Daniela Calabresa.

Para ele, as pessoas no Brasil estão amando o *stand-up* porque se divertem de verdade conhecendo piadas inéditas e se identificam com elas. "Ao contrário de zoar um português ou uma loira, falo de mim mesmo e de coisas mais humanas. A identificação é um tiro certo e o stand-up nunca pára na medida que evoluímos", explica.

Aos 27 anos, ele possui vários personagens, Péricles, Hitler, Johny Marola, Gordão, Mano White, dentre outros. Para aqueles que querem trabalhar o stand-up profissionalmente, Fábio dá a dica: "Seja original. Vá devagar. não queira cobrar uma fortuna para apresentar um *show* amador. Respeite o público! Descubra se tem talento para a coisa, com o público e não com seus pais. E não desista nunca!"

Arquivo pessoal

issuu-downloader.com

Casa sustentável
preserva o bolso e o meio ambiente

Claudio Guimarães
6º período de Jornalismo

Integração e aproveitamento dos recursos naturais gerando economia são os princípios básicos da casa sustentável. O termo sustentabilidade está se popularizando na construção civil e não é luxo apenas para obras em fase de projeto. Quem já tem casa, também pode torná-la sustentável.

O arquiteto Marcondes Nunes de Freitas, em maio deste ano, iniciou em Uberaba a construção de sua própria casa, com o máximo de elementos sustentáveis. Utilizou itens que viabilizam formas de reaproveitar e reduzir os gastos com água tratada e energia.. "A ideia de implantar tais técnicas nas construções é uma maneira de o cidadão colaborar para que as próximas gerações não sofram com questões climáticas e outros problemas naturais", alerta Marcondes. A construção fica no bairro Estados Unidos e a conclusão está prevista para este ano.

Foram utilizadas telhas específicas para melhor ventilação e controle térmico, ou seja, janelas grandes para aproveitar a iluminação natural e piso frio em toda a casa para manter a temperatura do ambiente agradável. O cuidado está até na válvula de descarga instalada nos banheiros. São dois comandos: um para liberar três litros de água e o outro para seis. A utilização depende da necessidade de fluxo de água. As paredes internas são de aço galvanizado e gesso, sistema conhecido como *drywall*, especial para substituir as paredes de tijolo.

Na hora de construir, o engenheiro civil Renato Borges Machado recomenda cômodos arejados e com grandes aberturas de iluminação natural para reduzir o uso da energia artificial. É uma forma de colaborar com o meio ambiente e reduzir custos. Para quem já possui a sua residência e quer torná-la sustentável, o engenheiro sugere: "A primeira medida é adquirir o equipamento de aquecimento solar".

> "A primeira medida é adquirir o equipamento solar

O sistema de aquecimento solar permite deixar quentinha a água do banho, das torneiras e da piscina. A temperatura pode chegar a 40°C. Placas são fixadas no telhado, voltadas para a face norte do terreno, que é a mais ensolarada. O calor do sol captado é transferido para a água, que circula no interior de tubulações de cobre. A água esquenta e vai direto para o reservatório térmico, onde fica aquecida até o consumo.

Segundo Renato, um aparelho de aquecimento solar pode gerar redução de 30 a 40% do valor da conta mensal de energia, já que o chuveiro elétrico é o vilão. O preço de instalação do equipamento varia. Em Uberaba, se paga em média R$2.200. Pela economia que gera, o valor investido pode ser recuperado em pouco mais de três anos.

A dona de casa Eliete Souza Menezes, há dois anos, instalou um aparelho de aquecimento solar. "Quando faz muito frio, sinto que o aquecedor solar não consegue realmente esquentar a água, mas a diferença nas despesas da casa compensa", afirma Eliete. Outras alternativa é o sistema de captação de água pluvial.

A água da chuvas cai nas calhas, passa por um filtro e vai para um reservatório subterrâneo. Em seguida, é impulsionada por uma bomba até a caixa-d'água.

Essa água pode ser utilizada para descargas de vasos sanitários, máquina de lavar roupa e principalmente para lavar o chão, o carro e regar o jardim. O valor de implantação do sistema varia de acordo com o tamanho do reservatório. O custo de um reservatório de 5 mil litros é de aproximadamente R$2.500.

O sistema de aproveitamento da chuva representa uma economia de até 60% da conta de água mensal e é recomendado para casas com área de captação (telhado) de no mínimo 100 metros quadrados.

Como as tarifas de água são menores que as de energia elétrica, o valor investido necessita de mais tempo para ser recuperado, ou seja, cerca de cinco anos.

A economia em **números**

O economista Cássio Silveira faz uma simulação do retorno da instalação do aquecedor solar a longo prazo. De acordo com ele, antes da compra é necessário ter conhecimento d a vida útil do equipamento. Considerando 25 anos, o consumidor vai dividir o valor total da compra pelo tempo que quer este retorno.

Cássio faz os cálculos considerando o retorno em cinco anos. "Nós temos que pegar o valor do investimento, que no caso seriam R$2.000, dividir pelo número de meses desse retorno que a família pretende ter, no caso, 60 meses. Ela dividiria R$2.000 por 60 meses, então, nós teríamos cerca de R$33 por mês de necessidade de retorno", contabiliza.

Para verificar se este retorno está realmente acontecendo, o morador deve comparar as contas de energia. Por exemplo, com uma conta de R$ 180, é preciso verificar se houve redução de, pelo menos, R$33. "Se o valor for R$147 ou menor, significa que essa família irá conseguir retorno do investimento em cinco anos ou até menos que isso. Considerando 25 anos de vida útil do aquecedor e multiplicando a redução de R$33 em cada ano, teremos uma economia de quase R$10 mil", finaliza.

issuu-downloader.com

Biblioteca comemora cem anos de cara nova e atrai mais visitantes

Há quanto tempo você não vai à biblioteca pública de Uberaba? Se a resposta for muito tempo, se surpreenderá com o novo espaço. Tudo está diferente. Salas amplas e climatizadas, aumento do acervo, biblioteca digital com 40 computadores novinhos, espaço infanto-juvenil e atendimento diferenciado. A reforma não só física, mas conceitual, durou dois anos. A inauguração foi em abril do ano passado, mas ainda existe muita gente que não conhece o atual espaço, que fica no mesmo endereço.

Danilo Lima
5º período de Jornalismo

Logo na entrada, uma novidade, a sala de multimídias destinada às apresentações com equipamentos eletrônicos.

No segundo andar, tudo ainda mais convidativo. O acervo com 46 mil obras está disponível aos visitantes, com novo conceito: livre acesso. O próprio estudante pode buscar o livro de seu interesse. A antiga bibliotecária que buscava o exemplar na prateleira, não existe mais. Jornais e revistas de circulação local e nacional também estão à disposição.

Paredes foram substituídas por painéis de vidro, possibilitando um ambiente mais iluminado e amplo. Completando a decoração há frases e trechos de obras de autores consagrados, como Mário Quintana. É nesta sala que o estudante Wilson Ferreira, de 22 anos, passa boa parte de suas tardes. "Passo em média de quatro a cinco horas na biblioteca. Venho aqui desde o Ensino Fundamental, mas tudo melhorou muito", afirma o estudante.

Além das cabines individuais, o estudo em grupo é facilitado, pois existem mesas para até sete estudantes. Vez ou outra é possível encontrar alguns tirando um cochilo, afinal, as novas poltronas e a iluminação são muito agradáveis.

No terceiro andar, está a Biblioteca Digital. É uma sala com 40 computadores e *Internet Wirelles* à disposição dos usuários.

Danilo Lima

Hoje a biblioteca recebe entre 400 e 800 visitantes por dia

A ideia é que o estudante faça a primeira abordagem sobre o estudo nas máquinas e finalize com a ajuda dos livros. Pela rede, é possível consultar o acervo da biblioteca (phl81.uberaba.mg.gov.br).

A estudante Bianca Marzinoto, 16 anos, é visitante assídua. "É muito bom ter, no mesmo local, livros e internet. Meus amigos e eu adoramos. Passamos horas".

Segundo a pedagoga e diretora da biblioteca, Viviane Cataldi, antes das mudanças, a média diária era de 200 visitantes, hoje, varia de 400 a 800 visitantes por dia.

"O mundo virtual não substituiu os livros. Penso que a *Internet* é um meio primário de pesquisas. Os livros são a certeza. Todos pensavam que a agilidade e a comodidade iriam afastar as pessoas de espaços como este. Errado! Um grande clássico da literatura, por exemplo, somente será encontrado em uma biblioteca!", diz Viviane, que está no cargo há dois anos.

Clássicos ou nem tanto passam pelas mãos da artista plástica Cristina Veloso. Ela desempenha a função poética de restaurar os livros. Cuida da preservação de todo o acervo, o que inclui verificar os defeitos das páginas, combater os cupins e o mofo, por exemplo. "Reconstruo aqueles que já estavam sem uso. Dou vida a eles. Amo os livros!"

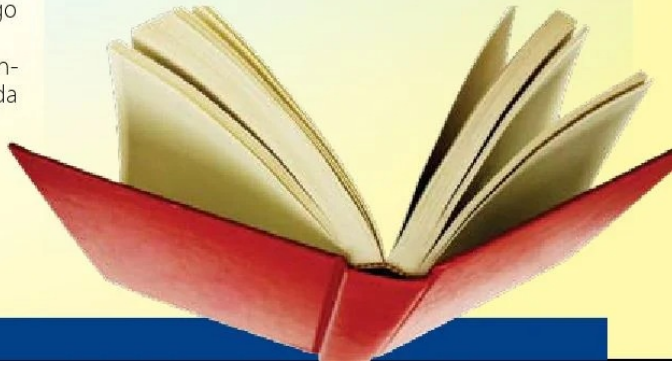
A biblioteca completou cem anos com a certeza de que a identidade do local precisa ser resgatada. "Muitas pessoas chamam o local apenas de biblioteca, mas o nome é Biblioteca Pública Municipal 'Bernardo Guimarães'. Muitos não conhecem e não sabem quem foi este grande autor de renome nacional, mas pretendemos desenvolver um projeto de resgate de sua obra", assegura a diretora Viviane.

Quem foi Bernardo Guimarães?

Poeta e romancista, natural de Ouro Preto, viveu em Uberaba e Campo Belo antes de ir para a Faculdade de Direito de São Paulo, onde se formou em 1874. Ele descobriu a aptidão para a literatura e introduziu no Brasil o estilo bestialógico, considerado pornográfico por muitos. Entre as obras estão O Garimpeiro(1872), A Escrava Isaura (1875) e O Seminarista (1872). Bernardo foi homenageado como o patrono da cadeira 5 da Associação Brasileira de Letras e faleceu em 1884.

Os projetos da biblioteca abertos à comunidade

Nos últimos anos, vários projetos foram iniciados para formar novos leitores. A Hora do Conto disponibiliza uma pedagoga para ir à escola contar histórias para as crianças. Já o Leituras e Vivências, tem como público a terceira idade. Durante as visitas aos asilos, os mais velhos têm espaço para contar suas experiências de vida às especialistas. O resultado é a dinamização das falas e a socialização.



issuu-downloader.com